

Ezio Manzini

POLÍTICAS DO COTIDIANO



Blucher

POLÍTICAS DO COTIDIANO

Ezio Manzini

Tradução

Gabriel Patrocínio

Título original: *Politics of the Everyday*

Políticas do cotidiano

Todos os direitos reservados. Tradução autorizada da edição de língua inglesa publicada pela editora Bloomsbury Publishing

© 2021 Ezio Manzini

© 2019 Bloomsbury Publishing

© 2023 Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Lidiane Pedrosa Gonçalves

Preparação de texto Vânia Cavalcanti

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Helena Miranda

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Manzini, Ezio

Políticas do cotidiano / Ezio Manzini ; tradução de Gabriel Patrocínio. – São Paulo : Blucher, 2023. 132 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-711-8

Título original: *Politics of the Everyday*

1. Design. 2. Sociedade. 3. Inovação social. 4. Espaço (Arquitetura). 5. Desenvolvimento sustentável. I. Título. II. Patrocínio, Gabriel.

23-1889

CDD 745.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Design

.....

CONTEÚDO

Prólogo à primeira edição em português por <i>Gabriel Patrocínio</i>	7
Prefácio	11
1. Comunidades leves: formas sociais num mundo fluido	13
2. Projetos de vida: autonomia e colaboração	45
3. Políticas da vida cotidiana: design ativismo e normalidade transformadora	77
4. Democracia centrada no projeto: ecossistemas de ideias e projetos	103
Posfácio: Um outro livro. Especialistas em design e a capacidade de design difuso	131

1

COMUNIDADES LEVES: FORMAS SOCIAIS NUM MUNDO FLUIDO

Perto da aldeia onde vivo, há uma árvore milenar – uma azinheira (*quercus ilex*) – numa sedutora clareira entre vinhedos e bosques. Numa noite de verão, perto do pôr do sol, um grupo heterogêneo de pessoas rodeia a árvore sob seus enormes galhos arqueados, que chegam quase até o chão, criando uma magnífica câmara frondosa. Ao centro, junto ao seu tronco, encontra-se um grupo de atores a recitar trechos da *Odisseia*, acompanhados por três músicos que tocam música contemporânea. Mais tarde, haverá vinho e comida. O sol está se pondo. Um momento de felicidade compartilhada. Ainda assim...

Apesar disso, sabemos que, em outros lugares, naquele exato momento, há pessoas em fuga enquanto outras são baleadas por franco-atiradores, e outras estão morrendo de fome. Para outros, não há árvores ao redor da qual se reunir. Outros, muitos outros, não estão em condições tão dramáticas, mas ainda assim não têm possibilidade de viver um momento como este – porque não têm essa árvore ou são incapazes de reconhecê-la. Por que é então que aqui tudo isso (ainda) existe?

O que eu gostaria de dizer é sobre como esses momentos especiais acontecem: momentos em que todos estão felizes apenas porque sentem que todos ao seu redor estão felizes também, felizes consigo mesmos e felizes com o mundo. Parece-me que essa condição de felicidade compar-

tilhada não significa indiferença ou desconhecimento da vida dos menos afortunados. Não anula o horror à indiferença, ao egoísmo e à violência que proliferam no mundo. Em vez disso, com sua existência simples e delicada, indica que as coisas também podem ser diferentes do que muitas vezes se insinua – diferente da visão de que a felicidade é o resultado do sucesso competitivo e dos benefícios que podem derivar dele. Aquele círculo de pessoas ao redor de uma árvore, ouvindo palavras e música e comendo juntos, diz que outro cenário é possível, e isso pode apontar uma direção para a ação. Estou exagerando? Estou dando muita responsabilidade a um grupo de pessoas ao redor de uma árvore? Talvez eu esteja, mas acredito que devemos ser capazes de reconhecer aí uma semente de uma nova civilização e uma imagem de um futuro possível, que podemos ver emergir em lugares e momentos como este.

Então, levando esse exemplo adiante, quem são essas pessoas? Por que elas estão lá? Como elas chegaram a estar lá? As pessoas ao redor da azinheira são um pedaço variado do mundo: algumas vivem na região há gerações, outras escolheram morar lá e ainda outras representam os novos nômades – turistas ou migrantes, conforme o caso. Cada uma delas tem uma rede de relações que inclui alguns dos presentes, mas sobretudo as conecta com outras pessoas, locais ou não, espalhadas pelo mundo físico e digital. Neste momento e neste lugar, essas diferentes redes vão se entrelaçando produzindo um tecido mais denso de pessoas, lugares e coisas. Eles expressam e produzem uma comunidade: uma nova forma contemporânea de comunidade que, diferentemente das comunidades do passado, não lhes foi transmitida. Essa é uma comunidade que existe por escolha, que foi projetada e construída consciente ou inconscientemente.

Quando falo de comunidade, neste livro, estou me referindo a este tipo de comunidade: comunidades voluntárias, leves, abertas, nas quais a individualidade de cada membro é equilibrada com o desejo de fazer algo juntos; comunidades fluidas, sem as quais há apenas a solidão da individualidade conectada ou uma tentativa reacionária de reproduzir as comunidades identitárias fechadas do passado, que, mesmo supondo que já tenham sido tão atraentes, certamente faziam parte de um passado que não pode retornar.

Então, por que essas pessoas estão lá e não trancadas em suas casas? Já demos a resposta imediata: elas estão lá porque reconhecem o valor de um momento de felicidade compartilhada e veem-no como um bem compartilhado. Ao tentar desvendar o significado dessa frase, encontramos vários fios: o interesse pela performance teatral e musical, e pela comida e vinho; o prazer de reencontrar velhos amigos ou conhecer novas pessoas; a beleza do lugar; a magia de uma árvore antiga. As razões são, portanto, diferentes em substância e natureza. São uma mistura de algo que pode ser produzido e comprado ou dado e algo que ninguém pode produzir individualmente, mas que se cria em conjunto, com o tempo: a beleza daquela árvore na clareira e a capacidade de reconhecê-la; a descoberta de uma raiz comum nos trechos da *Odisseia*, que quase todos aqui estudaram ou da qual pelo menos ouviram falar em algum momento da vida; e a sensação de confiança e empatia que o momento produz. A felicidade compartilhada é baseada no reconhecimento desses bens comuns.

Como tudo isso pôde acontecer? Obviamente, tudo o que descrevi não é um fenômeno natural; existe porque alguém o fez acontecer. Tem sido sempre assim. Nesse mesmo lugar, se voltarmos no tempo, podemos encontrar muitas situações semelhantes: muitos círculos diferentes de pessoas ao redor de uma árvore ou de uma fogueira, ou alguém tocando um instrumento ou recitando em oitava-rima. Claro, havia comida e vinho. Mas aqui termina a analogia com o nosso círculo de pessoas ao redor da azinheira. As pessoas que estavam naqueles grupos em tempos passados não tinham realmente escolhido estar lá. Na maioria das vezes, em comunidades passadas, as coisas eram assim porque sempre foram assim. O lugar, a comida, a música e o teatro estavam lá porque sempre estiveram lá (ou pelo menos era o que parecia), e as pessoas estavam lá porque era “a coisa certa” a ser feita. Esse sistema de tradições e a maneira convencional de pensar e fazer as coisas que isso implicava não estão mais entre nós — ou quase não estão. Certamente não está por trás da cena que descrevi. Todo mundo poderia estar em outro lugar. Ninguém obrigou ninguém a vir. As coisas são assim porque cada um, em diferentes papéis, fez sua parte.

Antes de abandonar essa imagem inicial, gostaria de salientar o quanto é frágil a comunidade que vemos ali e, portanto, o sentimento

de felicidade compartilhada que ela produz. Bastaria que o proprietário da terra decidisse que não quer mais outras pessoas em sua propriedade e as coisas desmoronariam. O governo local, diante de cortes orçamentários, pode retirar o apoio que ainda oferece para esse objetivo. Os organizadores podem decidir, por razões econômicas míopes, promover o evento apenas com turistas e, assim, reduzir a presença do próprio grupo que fornece a continuidade necessária – os moradores locais. Mesmo um aumento no número de pessoas mal-educadas, incapazes de visitar um lugar sem espalhar lixo e pontas de cigarro, seria fatal. A lista de possíveis agentes depreciativos poderia continuar, e aqui precisamos desse lembrete para deixar claro que, quando passamos por uma experiência como essa, devemos estar bem conscientes de que estamos no meio de algo tão precioso quanto frágil. Precisamos alimentá-lo com um cuidado que vem de todos os interessados. Mas quem constitui esse “todo mundo” de que estou falando? Por que os estou chamando de “comunidade” e não simplesmente de “uma agregação temporária de indivíduos”?

FLUIDEZ

Se o mundo se tornar fluido. O mundo parece estar perdendo solidez¹: suas organizações estão se tornando maleáveis e as formas de vida que nele ocorrem estão se tornando fluidas; todo projeto tende a ser flexível e toda escolha reversível – ou pelo menos é o que pensamos.

1 Fiz essa declaração pela primeira vez há cerca de trinta anos, quando, como muitos outros na época, “descobri a complexidade”. A leitura de Edgar Morin foi importante para mim nesse aspecto, mas muito também contribuiu o pensamento de Michel Serres. Voltarei a esses autores mais tarde, por enquanto direi apenas que eles me ensinaram a olhar o mundo fluido não apenas como um risco, mas também como uma oportunidade para novas possibilidades: uma forma de ver as coisas que acho ainda válida apesar das muitas mudanças que ocorreram desde então. De fato, constitui o pano de fundo não apenas do primeiro capítulo, mas de todo o livro. Morin, E. (1977). *La méthode 1. La nature de la nature*. Seuil. Serres, M. (1977). *La naissance de la physique dans le texte de Lucrèce: fleuves et turbulences*. Éditions de Minuit.

As características deste mundo (quase) fluido surgiram das (quase) sólidas do passado. As sociedades agrícolas e industriais dos séculos passados eram sistemas altamente viscosos, portanto, na prática, eram sólidos (ou assim se pensava): sólidas eram as organizações sociais e produtivas, sólidas as comunidades e os laços pessoais, sólidas as ideias de bem-estar (que, por sua vez, se baseavam principalmente na solidez das coisas: terra, casa, bens possuídos e consumidos). Essa solidez era, em grande parte, consequência da dificuldade de penetração no espaço (o que tornava as pessoas relutantes em mover coisas e pessoas) e dos limites na transmissão de informações (restringindo a difusão de ideias e a distribuição espacial das organizações). Tudo isso, por sua vez, criou um segundo fator de estabilidade: a durabilidade das convenções sociais e das tradições culturais e, portanto, a resistência à transformação organizacional.

Todo o panorama mudou nos últimos tempos: a conectividade dissolveu as organizações como o calor derrete materiais sólidos. As convenções sociais afrouxaram seu domínio, assim como as comunidades do passado. Laços fortes e duradouros estão evaporando e redes sociais leves e variáveis estão aparecendo. Essas mudanças produzem efeitos que preocupam muitos, inclusive este autor: esse mundo fluido colonizado por ideias neoliberais e uma economia neoliberal está se tornando um mundo de solidão conectada, de empregos precários e de extremas desigualdades. Falta-lhe visões de futuro. Este é o mundo da modernidade líquida, tão magistralmente representada por Zygmunt Bauman.²

De minha parte, compartilho as preocupações de Bauman e daqueles que, como ele, descrevem a tragédia do mundo fluido como se apresenta hoje. No entanto, gostaria de separar a natureza fluida da realidade contemporânea dos problemas que ela gera e levantar a hipótese de que o mundo fluido poderia ser melhor do que o em que vivemos hoje. Talvez pudesse até ser melhor do que o mundo sólido do passado. Afinal, é justamente o mundo sólido do passado ou, para ser mais exato, a cultura que

2 Zygmunt Bauman foi um sociólogo e filósofo polonês que melhor resumiu o aspecto mais característico da sociedade contemporânea com sua expressão “modernidade líquida”. Bauman, Z. (2000). *Liquid modernity*. Polity. Bauman, Z. (2004). *Wasted lives: Modernity and its outcasts*. Blackwell Publishing.

nos fez vê-lo como sólido, que nos levou ao desastre ambiental e social em que nos encontramos. Talvez a metáfora de um mundo fluido possa nos ajudar a ver como é possível viver de uma forma mais leve e adaptável à mobilidade de tudo ao nosso redor.

Reconhecer a fluidez das coisas não é novidade na história da cultura ocidental. Como Michel Serres escreveu anos atrás,³ ao longo da história da filosofia ocidental, houve duas formas paralelas de descrever o mundo: uma que o via como um mundo sólido, feito de coisas estáveis, e outra que o interpretava como um mundo fluido, feito de partículas em movimento. Assim, para Serres, adotar um modelo interpretativo significa simplesmente voltar a Demócrito e Lucrecio e ao mundo de Vênus contra o de Marte. No entanto, a ciência também nos leva na mesma direção. Hoje sabemos que a natureza e os seres humanos e suas interações são entidades complexas e que sua complexidade pode ser mais bem descrita referindo-se às formas fluidas dos sistemas vivos, em vez das formas sólidas dos minerais. Assim, olhar para o mundo e reconhecer sua fluidez pode ser um primeiro passo para abandonar os modelos interpretativos mecanicistas (e, portanto, ineficazes) do passado e finalmente chegar a um acordo com sua complexidade. Isso também significa ver não apenas problemas ao lidar com as complexidades práticas da vida cotidiana, mas também possibilidades novas e anteriormente inconcebíveis.⁴

O modelo de mundo fluido pode ser facilmente adaptado para descrever como as coisas estão indo hoje, em geral, e para as formas sociais, em particular, tanto para descrever os problemas que surgem como para encontrar soluções para eles. Por enquanto, vamos nos fazer esta pergunta simples: como essas formas são geradas e como elas se mantêm vivas?

3 Michel Serres é um escritor e filósofo francês. Aqui, estou me referindo em particular ao seu livro *La naissance de la physique dans le texte de Lucrece*.

4 Há muitos caminhos que levam à descoberta da complexidade. No meu caso, cheguei há trinta anos, por intermédio do pensamento de Edgar Morin. Morin é um filósofo e sociólogo francês, um dos primeiros a levarem a questão da crise do modelo mecanicista do campo da ciência para o da filosofia e suas implicações na vida das pessoas. Morin, E. (1977). *La méthode 1. La nature de la nature*. Seuil.

Para o mundo sólido, a resposta pode ter parecido óbvia: as formas foram criadas agindo sobre os materiais (de maneira física ou metafórica). Então eles duraram porque, sendo sólidas, tinham uma propensão natural para fazê-lo, a menos que algo acontecesse. Em outras palavras, as coisas podiam ser produzidas e, uma vez produzidas, se nada mais acontecesse, estavam destinadas a durar. Obviamente não era assim, ou pelo menos não exatamente assim, mas por muito tempo essa foi a maneira dominante de ver as coisas. Em um mundo onde as mudanças aconteciam lentamente, permitia que a realidade fosse interpretada com um grau adequado de precisão.

O que muda se nos referirmos ao mundo fluido? A experiência nos diz que, em um mundo fluido, também se criam formas, como um redemoinho ou a estrutura laminar de um fluxo de fluido. Isso acontece quando muitas partículas são induzidas pelo ambiente a se mover de maneira ordenada. Quando isso acontece, a forma se produz e permanece enquanto as condições circundantes que a geraram permanecem inalteradas.

Essa maneira de ver as coisas nos leva também a ver o resultado de nossas ações como um entrelaçamento de formas fluidas, cuja existência se torna possível e provável pela ação sobre seu ambiente e que perdurará enquanto essas condições permanecerem. Em outras palavras, em um mundo fluido, para que as formas sociais surjam, elas requerem condições favoráveis para serem criadas, que, então, precisam ser cuidadas.

“Criar condições favoráveis” e “cuidar” são duas atividades que assumem um papel fundamental quando adotamos esse modelo interpretativo que caracteriza a atividade humana. No mundo sólido, as pessoas eram levadas a se imaginar, ou imaginar os outros, como indivíduos poderosos capazes de deixar uma marca indelével: demiurgos capazes de impactar diretamente o mundo, mudando-o para sempre. Em contrapartida, o mundo fluido fala da ação coletiva como única possibilidade de construção de ambientes favoráveis. Fala-nos da importância da atenção e da escuta das coisas a longo prazo, dos cuidados com a sua manutenção. Em suma, ensina-nos sobre a importância de cuidar.

Inovação social transformadora. O mundo fluido como o conhecemos hoje é caracterizado pela difusão, e agora pela crise, de modelos

econômicos, ideias e práticas políticas neoliberais⁵. Não é a intenção deste livro entrar em sua natureza e consequências trágicas. No entanto, sua abrangência é tal que não é possível abordar as questões de que estamos tratando aqui sem levá-las em consideração ou, em outras palavras, sem considerar que, ao colonizar a inovação tecnológica, houve a concentração de enormes quantidades de poder e riqueza em apenas umas poucas mãos, gerando desemprego, subemprego, marginalização e, como reação, a involução antidemocrática que vemos em várias partes do mundo. Além disso, ao tentar relegar todos os aspectos da vida ao domínio da competição e da eficiência econômica, exasperam-se os processos de desagregação social, a desertificação de tudo o que é público e relacional e a comercialização de bens comuns.

No entanto, por mais pervasivos que sejam os modos neoliberais de pensar e de se comportar, eles não ocupam todo o palco. Um cuidadoso escrutínio da realidade contemporânea mostra-nos uma paisagem social múltipla e dinâmica, na qual existem outras formas de pensar e agir. São o resultado da iniciativa de pessoas criativas e empreendedoras que, diante de um problema ou de uma oportunidade, apresentam novas soluções e colocam-nas em prática. São soluções dotadas de valores ao mesmo tempo individuais e sociais, que vão dos grupos de ajuda mútua às comunidades de cuidado ou da produção em pequena escala à regeneração dos recursos urbanos comuns. Essas iniciativas tendem a (re)conectar as pessoas, (re)conectá-las com os lugares onde vivem e regenerar a confiança mútua e a capacidade de diálogo – e, ao fazê-lo, criam novas comunidades.

Produzidas inicialmente por pequenos grupos de entusiastas, com o tempo essas atividades cresceram, evoluíram e encontraram reconheci-

5 A crítica ao neoliberalismo produziu uma literatura infinita. Citarei Joseph Stiglitz, Noam Chomsky e David Harvey como exemplos – três autores que foram importantes para mim de diferentes maneiras. Eles vêm de origens muito diversas e têm posições políticas muito diferentes, mas na polifonia de suas vozes, eu acho, eles dão consistência e profundidade às críticas. Entre seus muitos livros, veja Stiglitz, J. (2015). *The great divide. Unequal societies and what we can do about them*. W. W. Norton & Company. Chomsky, N. (2016). *Who rules the world*. Henry Holt and Company. Harvey, D. (2017). *A brief history of neoliberalism*. Oxford University Press.

mento institucional, a ponto de representarem contratendências significativas que podem ser encontradas em todos os âmbitos da vida cotidiana: serviços sociais colaborativos, diversas formas de produção distribuída e aberta, bem-estar colaborativo, redes alimentares baseadas em uma nova relação entre produtores e consumidores e propostas de cidades como bens comuns. Uma característica comum a todos esses exemplos é que as pessoas envolvidas romperam com o individualismo proposto pela cultura dominante e decidiram colaborar para alcançar resultados, em conjunto, que tenham valor para cada um e para todos, ou, em outras palavras, para cada um dos participantes e para a sociedade como um todo.

Todas essas atividades que partem de iniciativas de pequenos grupos, mas que podem ter impacto nas instituições e na política mesmo em grande escala, constituem o que chamarei de “inovação social”: um termo que tem sido amplamente utilizado nos anos mais recentes, com vários significados⁶. Para mim, significa o seguinte: uma mudança no sistema sociotécnico, cuja natureza e cujos resultados também têm valor social, com a dupla conotação de solução de problemas sociais e de regeneração dos bens comuns físicos e sociais.

Para alcançar esses resultados, a mudança sistêmica produzida tem de ser radical. Isso implica redefinir o sistema de significados no qual as questões são colocadas e as soluções, encontradas; e, assim, redefinir as relações entre os atores, incluindo as relações de poder que os caracterizam.

Por fim, para mim, é justamente isso que torna essa inovação social tão interessante: por se basear na colaboração e por regenerar bens comuns, a inovação social é crítica das ideias e práticas dominantes e

6 A conceituação e difusão do fenômeno da inovação social, tal como surgiu no início deste século, tem sido amplamente impulsionada por pesquisadores ingleses da Young Foundation e da NESTA. Portanto, acho correto e útil aqui dar sua melhor definição: “Definimos inovações sociais como novas ideias (produtos, serviços e modelos) que atendem simultaneamente às necessidades sociais (mais efetivamente do que alternativas) e criam novas relações sociais ou colaborações. Em outras palavras, são inovações que são boas para a sociedade e aumentam a capacidade de ação da sociedade.” (Murray et al. (2010). *Open book of social innovation*. Nesta & the Young Foundation.

o que ela propõe pode constituir passos concretos para sustentabilidade socioambiental.

Dito isso, devemos deixar claro que essa inovação social, a inovação social transformadora,⁷ é um subconjunto da inovação social como um todo. De fato, há inovações que vão em direções diferentes daquela que estou indicando: aquelas que não são de caráter radical, mas se limitam a propor modificações incrementais, ou que vão em direção totalmente oposta à da sustentabilidade ambiental e social. Assim, deve-se entender que quando escrevo “inovação social”, neste livro, a expressão deve ser lida como uma abreviação de inovação social que transforma o existente dando passos em direção à sustentabilidade.

Descontinuidade local na transição. Depois de quase meio século de pesquisa e experimentação sobre a transição para a sustentabilidade, agora sabemos com certeza que ela exige uma mudança radical no sistema cultural e sociotécnico. O tamanho e a profundidade dessa mudança não serão diferentes dos vistos na evolução da sociedade feudal para o que é geralmente chamado de “sociedade moderna” ou “sociedade industrial”. No entanto, a diferença hoje, dada a nossa interconexão global, provavelmente será que essa mudança não demorará tanto e que desde o início envolverá todo o planeta⁸.

7 A expressão “inovação social transformadora” foi introduzida no âmbito do projeto de pesquisa europeu Transit, que terminou em 2017. A tarefa era investigar “iniciativas de redes sociais transformadoras e redes na tentativa de entender o processo de transformação societal” (em Kemp, R.; Zuijderwijk, L.; Weaver, P.; Seyfang, G.; Avelino, F.; Strasser, T.; Becerra, L.; Backhaus, J. and Ruijsink, S. (2015) Doing things differently: exploring Transformative Social innovation and its practical challenges. *Transit Briefs*, #1. 2017, <http://www.transitsocialinnovation.eu>).

8 Também neste assunto a literatura é ilimitada. Para as questões fundamentais, é útil assistir a uma fala de Johan Rockström no Fórum Econômico Mundial de 2017, hospedada no site do Centro de Resiliência de Estocolmo sobre a questão do antropoceno e seus limites. Rockström, J. (2017/02/16). Beyond the anthropocene. [Video]. YouTube. <http://www.stockholmresilience.org/research/research-news/2017-02-16-wef-2017-beyond-the-anthropocene.html>. Eriksen, T. H. (2016). *Overheating: an anthropology of accelerated change*. Pluto Press.

Neste oportuno livro, Ezio Manzini nos brinda com uma instigante reflexão sobre a complexidade contemporânea, que deixa a precisão e a solidez do passado, tornando-se o modelo impreciso e fluido do presente.

Segundo o autor, foi o próprio modelo passado quem nos conduziu ao desastre socioambiental que hoje vivemos. Em contrapartida, vislumbra as possibilidades de construções de ambientes favoráveis por meio das inovações sociais.

O livro advoga por uma inovação social transformadora, dando passos em direção à sustentabilidade socio-econômico-ambiental. Propõe uma mudança sistêmica com o auxílio de novas comunidades locais, ao buscar soluções por meio de novas perspectivas, estilo e modos de vida, apresentando uma nova forma de democracia ou, como diz o próprio autor, uma democracia centrada em projetos nos quais a vertente social do design vem elevada à condição política e de cidadania. Espaços esses em que diferentes atores sociais participam desde o início do projeto, tornando-os protagonistas do ecossistema e não apenas fruidores das ações empreendidas.

Dijon De Moraes, Ph.D em Design



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Políticas do cotidiano

Ezio Manzini

ISBN: 9786555067118

Páginas: 132

Formato: 24 x 17 cm

Ano de Publicação: 2023
